

A Cidade como Espaço para a Liberdade: uma leitura psicanalítico-existencial do romance *Angústia* de Graciliano Ramos

Lwdmila Constant Pacheco*
Universidade de Pernambuco - UPE

RESUMO

O romance *Angústia* do escritor Graciliano Ramos traz várias possibilidades de leituras relacionando a cidade ao personagem Luís da Silva – sertanejo que se muda para capital de Alagoas, Maceió, e passa a refletir sobre a necessidade de sua adequação à vida urbana a partir de sua invisibilização, humilhação e corrupção. Apesar desses elementos de degradação do personagem estarem explícitos na obra, a leitura que fazemos aqui é a da cidade como espaço de libertação do personagem. A perspectiva de libertação de que nos valem é, principalmente, a existencialista que entende a liberdade como fruto da angustiada consciência de nossa solidão física e metafísica, a qual tende a nos impulsionar a agir em busca de nosso próprio destino ou, numa leitura psicanalítica freudiana e lacaniana, da realização de nossos desejos pelos quais somos responsáveis antes, durante e depois de sua concretização.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço literário - Cidade. *Angústia*. Existencialismo. Graciliano Ramos. Literatura. Psicanálise.

ABSTRACT

The novel writer *Angústia* Graciliano Ramos brings a lot of reading possibilities linking the city to the Silva Luis character - frontiersman who moves to the capital of Alagoas, Maceió, and begins to reflect on the need for its adaptation to urban life from that of their invisibility, humiliation and corruption. Despite these character degradation elements are explicit in the work, the reading we do here is to the city as the character release space. The prospect of liberation that we use is mainly existentialist who understands freedom as a result of the anguished conscience of our loneliness physical and metaphysical which tends to drive us to act in pursuit of our own destiny, or a psychoanalytic reading Freud and Lacan, the realization of our desires which we are responsible before, during and after its concretization.

KEYWORDS: Literary space - City. Anguish. Existentialism. Graciliano Ramos. Literature. Psychoanalysis.

A literatura e a cidade

A literatura brasileira é predominantemente urbana (FERREIRA, 2015) e, por isso, marcada pela representação de suas características por meio da descrição dos espaços urbanos e das relações sociais que emergem desse meio. A construção de um contexto espacial, ou a reprodução de um cenário urbano que existe fora das páginas dos romances vem embargada da concepção de seus respectivos autores sobre tal espaço. A cidade para além de sua geografia e estrutura material e objetiva é símbolo que reflete a fusão entre sua geometria e as subjetividades que a ocupam (GOMES, 1994). É recorrente nos estudos literários e outras áreas a definição da cidade como um confuso emaranhado de vidas e espaços que se anulam uns aos outros. Isto é, como corruptora dos sujeitos, degradadora de subjetividades, de diferenças e de identidades, a cidade tem poder de invisibilizar pessoas, massificando-as.

* lwdmilaconstant@hotmail.com

Recebido em 05/06/2019
Aprovado em 29/12/2019

O romance *Angústia* do escritor Graciliano Ramos, traz como tema um personagem sertanejo, Luís da Silva, morando na capital alagoana, Maceió. Considerado um livro experimental e introspectivo, com uma vertente mais “psicológica”, seu protagonista, que também é o narrador, oscila entre descrever a cidade onde mora atualmente e rememorar a sua “vila escondida no alto da serra” (RAMOS, 2003, p. 164)¹.

Apesar da angústia estar presente enquanto sensação na narrativa de Luís da Silva, a proposta deste trabalho é demonstrar que a angústia sentida pelo personagem não é reflexo passivo do viver na cidade, no sentido de metrópole, como lugar de exílio por excelência, segundo Salgado (2013), mas consequência da liberdade que surge como possibilidade na deserção do sertão para o litoral e como realidade concreta na objetivação do desejo de amor e morte à Marina e a Julião Tavares.

Para tanto, recortaremos um momento do romance que registra a perseguição e o assassinato de Julião Tavares por Luís da Silva no bairro do Bebedouro em Maceió (A, p. 176-202) e discutiremos o conceito de angústia no existencialismo clássico de Kierkegaard e no moderno de Sartre, e na psicanálise freudiana e laciana.

O romance *Angústia*

O livro *Angústia*, publicado em 1936, ano em que Graciliano Ramos estava preso no Rio de Janeiro acusado de subversão pela ditadura de Vargas, é considerado seu livro mais subjetivo, visto que excessivo e ambicioso comparado com as obras que o antecederam (CANDIDO, 2006). O protagonista, Luís da Silva, é um sertanejo que vai morar na capital, percurso esse similar ao que Fabiano e Sinhá Vitória fazem em *Vidas Secas*, segundo Carvalho (1983). Luís da Silva é o narrador em primeira pessoa que dá vazão ao seu “monólogo interior” (CANDIDO, 2006, p. 36), e vive num clima opressivo expressando toda a dramaticidade de um sobrevivente da frustração e da amargura. Funcionário público de 35 anos de idade, solitário, de poucas ambições, “sem dívidas”, acaba se interessando pela nova moradora da casa vizinha à sua: Marina. Seu envolvimento com Marina e a posterior perda dessa conquista para o sujo, gordo, endinheirado, de fala bonita e sem sentido, Julião Tavares, embaralha sua vida que se mantinha, até então, num equilíbrio vazio e monótono.

O ápice do romance culmina no assassinato premeditado de Julião Tavares por Luís da Silva, impulsionado pela passionalidade da projeção na vítima do que queria ser e quem queria ter. Carvalho (1983) diz que Julião Tavares é o duplo de Luís da Silva, sua metade triunfante.

A narrativa de *Angústia* é circular, não possui uma linearidade temporal. Como denomina Carvalho (1983) é uma narrativa parafuso, pois perfura espaço e tempo tornando-se repetitiva e se estabelece num tempo triplo: da realidade objetiva, do tempo passado e da subjetivação. Está mais voltado para uma reflexão do agora sobre um tempo passado que ainda é recente nas tremuras das mãos, que emagreceram. Mãos que já não são de Luís da Silva, visto que ele as vê como mãos de velho (A, p. 5).

Os delírios, paranoias ou qualquer outro sintoma de Luís da Silva não se justificam como patologia tendo em vista a consciência de seus devaneios. Estes sim, devaneios existenciais baseados numa moral interiorana (sertaneja), solitária e rígida para consigo mesmo. O mais próximo que o personagem chegou de delírios patológicos foi durante a febre que o acometeu dias após o assassinato de Julião Tavares, o que, por ser febre, já se justifica como patologia em si, independentemente de ter sido causada por um

1. A partir deste momento, todas as referências a essa edição do romance de Graciliano Ramos serão feitas através da inicial A, seguida do número de página.

fato psicológico: culpa, pressão, alívio, etc. Em certo momento, Luís da Silva imagina coisas que aparentemente não existem na realidade. Como ver um vulto na calçada, morte, sangue, coisas que ninguém mais vê. Porém, essas visões não parecem perturbar o personagem, pois ele não as confunde com a realidade. Isto é, não parece ser uma alucinação, posto que sua reação parece induzida por uma percepção frente a determinada lembrança.

Desses delírios e incômodos após o assassinato de Julião Tavares, Luís da Silva diz na primeira página do livro trazer ainda sombras que o incomodam. Não está explícito se tais sombras são descrições literais de resquícios alucinatorios, ou se é uma metáfora para o peso de tudo o que viveu. Tanto que na sequência refere-se à sua rejeição aos vagabundos, que dão a impressão de que não mais lhe suplicarão ajuda e, sim, exigirão aos gritos talvez como um reflexo da dívida do personagem para com o vagabundo que de certa forma foi seu cúmplice, ao ser acordado para compartilhar de uma réstia da noite doando-lhe um cigarro de palha.

Angústia é, de forma resumida, um livro sobre as projeções da subjetividade de seu personagem no mundo e sua posterior interiorização, dando uma sensação de que o enredo transcorre em ambiente onírico, o que Candido (2006) chama de sensação fuliginosa e opaca. Trabalha com a introspecção exercitada em vertiginosa profundidade e o aspecto fantasmagórico, o que torna a narrativa imprevisível (BUENO, 2015). Traz uma construção narrativa que descreve o meio externo de modorra, covardia e passividade de Luís da Silva que internamente revela o oposto: impaciência extrema e passionalidade, que culminam no desabafo verbal e agressivo à Marina no momento em que a segue até a casa da parteira que lhe faz um aborto, e no assassinato de Julião Tavares. Gimenez (2009) fala de um drama sobre um mundo já falido desde o começo, com painel de fracasso não só presente na obra aqui referida, mas também em *Vidas Secas* (1938) e *São Bernardo* (1934).

Nessa obra, Graciliano Ramos trata de duas instâncias, a social/objetiva e a psicológica/subjetiva, ao extrair os critérios específicos da vida social, ao mesmo tempo em que foca no interior dos indivíduos, procurando neles o valor subjetivo que a ordem social atrofiara (GIMENEZ, 2009). E, por isso, sendo essa subjetividade e introspecção do romance sua maior característica, configurando-o como um “romance psicológico”, o mesmo se passa num espaço concreto, com ruas, bairros, monumentos e demais referências reais que existiam na época e ainda se anunciam para os transeuntes que circulam por Maceió.

Angústia enquanto sensação

A angústia é um afeto (LACAN, 2005) e como tal é consciente por conta de sua virtude essencialmente perceptiva e, apesar disso, ela, segundo Freud (1915/1976), deriva do recalque que é um mecanismo inconsciente e simbólico. Similarmente, Lacan (2005, p. 23) diz que o afeto “não é o ser, dado em seu imediatismo, nem tampouco o sujeito sob forma bruta”, não é recalcado, pois recalcados são os significantes que o amarram. O afeto se desprende do recalcado, ficando à deriva. O que é recalcado é o objeto primário, que em psicanálise seria a mãe, e que Lacan denomina de *objeto a*, e o recalque funda por sua vez o desejo (MOURA, 2011). Angústia diz respeito ao desejo do sujeito e sua impossibilidade de encontrar um objeto que faça correspondência simétrica com o desejo, por não haver objeto que sacie o desejo, havendo sempre uma falta que impele o desejo e produz vida (LEÃO, 2011). Isso se dá no confronto do sujeito com a “falta da falta” que de tão intensa e indissolúvel tende a destruir a faculdade de desejar.

A angústia é caracterizada pela sensação de desprazer e no geral acompanhada de sensações físicas (distúrbios respiratórios e cardíacos) como opção para a descarga de energia afetiva transmutada em motora.

A cidade, enquanto urbanidade nos remete à civilização e a civilização pressupõe angústia. Freud (1931/2006-1927) diz que toda cidade repousa numa compulsão para o trabalho e na renúncia dos instintos. Freud (1914-1916/2006) explica que, no sentido biológico, o instinto é um conceito-limite entre o somático (físico) e o psíquico (metafísico), que possui força variada, mas que a meta é sempre o prazer. Para que alcance sua meta, há um objeto que é foco da satisfação. Visto que os instintos sempre visam à satisfação, a sua proibição gera privação que produz a frustração.

Apesar de a frustração ser uma constante na vida civilizada, comprovando a eficácia da proibição dos instintos, os instintos nascem com cada nova criança e se manifestam nos adultos nos momentos em que as proibições introjetadas pela moral social se encontram frágeis. A vontade de matar é um desses instintos. Se assim não fosse, não existiriam leis que os proíbem e sanções que os punem.

As classes menos favorecidas pelas vantagens da civilização invejam os privilégios das favorecidas e, caso tal civilização tenha cumprido seu papel para além da satisfação material das pessoas e tenha sedimentado a moral social controladora, a classe popular assim absorve tal cultura assumindo uma passividade instável. Por outro lado, os descontentes fazem de tudo para se livrar de seu excesso de privação. Não sendo possível tal descarga de frustração, isso acarretará em descontentamento e risco de revoltas (FREUD, 1927-1931/2006).

Quando revoltas acontecem na sociedade evidencia-se que o princípio do prazer falhou. A angústia, na segunda tópica freudiana (1926/2006), seria um indício do recalque, a negação de algum conteúdo que se tornou inconsciente, lembrando que os conteúdos inconscientes lá estão como uma defesa do ego e, nesse caso, a angústia se manifesta como sobra da frustração pelo prazer não realizado. A angústia esconde e revela o recalque.

No livro *Angústia* de Graciliano Ramos, a sensação de angústia sentida por Luís da Silva é anterior ao recalque, que seria o desejo de morte e vingança, o que justifica “a referida fuligem, que encobre, suja, sufoca e dá desejos impossíveis de libertação” (CANDIDO, 2006, p. 48), assim como posterior ao recalque, pois transborda aos desejos inconscientes tornando-se uma constante em todos os momentos dessa obra.

Com outras palavras, mas de forma aproximada, o filósofo existencialista Kierkegaard (2014) diz que a angústia se manifesta a partir do momento que somos seres históricos, isto é, quando construímos nossa trajetória, típica de seres conscientes. A angústia se manifesta pela existência da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Como o autor diz: é a visão do abismo. E a visão do abismo, que seria uma metáfora para o vislumbre das possibilidades de optar pelo que a liberdade oferta, gera medo frente a essa liberdade, visto que a impõe a necessidade de escolha e de que arquem com as consequências desta. Utilizando a mesma metáfora, Carvalho (1983, p. 24) define a obra *Angústia* como um “abismo textual que se afirma no abismo temporal”, visto que é uma história saindo de outra história, o tempo passado e presente se entrelaçando.

Sartre (2014), que também é filósofo existencialista, diz que a angústia não se manifesta tanto frente à liberdade como após o exercício da mesma, já que as consequências das ações serão de inteira responsabilidade daquele que assume agir de forma livre.

Considerando as definições freudianas, mas principalmente dos filósofos existencialistas aqui citados, tentaremos compreender a angústia manifesta por Luís da Silva no romance *Angústia* de Graciliano Ramos como um reconhecimento prévio da existência da liberdade pelo personagem. Isto é, a cidade como provocadora de angústia e a angústia sendo a consciência da libertação que está em vias de se concretizar. Para tanto, não fizemos uma análise da angústia pelo viés existencialista de toda a obra, mas somente das cenas de perseguição e morte de Julião Tavares por Luís da Silva (A, p. 176-202).

A cidade e a angústia de ser mais

A cidade, no seu sentido urbano, é simbolizada pelo progresso, oportunidade, mas também pela confusão e nulidade em oposição à rusticidade e simplicidade das cidades interioranas (OLIVEIRA, 2015). Em *Angústia* não é diferente: o personagem Luís da Silva rememora melancolicamente seu município sertanejo ao mesmo tempo em que vivencia a cidade que o incomoda com o barulho dos ratos, dos automóveis e de Vitória resmungando na cozinha. A cidade o faz considerar-se um rato por fugir dos tipos que o desprezam nas ruas por onde passa (A, p. 6) e o fazem se encolher no café por se sentir um percebejo social (A, p. 19).

Segundo Martins (2015), o romance reflete a angústia determinada não só pelo contexto histórico e pelas referências biográficas do autor, mas de modo mais amplo pelas condições da vida urbana na modernidade que trazem como consequências a desorientação, a dissolução, a solidão, o materialismo e o anonimato. Tal condição, que a autora define considerando o romance referido como herdeiro do modernismo, gera angústia e sofrimento.

O personagem-narrador do livro *Angústia*, Luís da Silva, vive em Maceió em constante estado de angústia, apesar da variação de sua intensidade. Antes de conhecer Marina sua angústia se referia ao seu anonimato, à indiferença das pessoas para com ele, à sua pequenez de rato. Luís da Silva vive lembrando seu passado na vila como refúgio à vida invisível de rato que leva na capital. A compreensão de que a cidade enquanto metrópole é uma ameaça ao sujeito (ARGULLOL, 1994) é corroborada pelo trecho do livro em que o protagonista diz que a cidade o transformou num monte de osso, que ele rói com ódio, ou um molambo que a cidade puiu demais e sujou (A, p. 18). Após se relacionar com Marina sua angústia se intensifica, pois a necessidade de condições financeiras para concretizar o plano matrimonial e depois a frustração de perdê-la antes da consumação de seu desejo sexual fazem dele um fracassado, sem mulher, sem reconhecimento, sem dinheiro, sem moral ou coragem. Julião Tavares rouba seu tempo, sua casa, o espaço com os amigos e, por fim, Marina.

Angústia é drama de gente acuada, bloqueada, esmagada pela vida, espremida até virar bagaço (CANDIDO, 2006). A dureza desse pequeno mundo sem dinheiro, nem horizonte, em que a existência se baseia numa rede simples e bruta de pequenas misérias, golpes miúdos e infinitas cavilações gera um sujeito revoltado ao mesmo tempo em que indiferente à moral à lei que o conduziu anteriormente. Bueno (2015) diz que a inadaptação de Luís da Silva é uma subversão da nova ordem que o inferioriza e invisibiliza. Luís da Silva, assim, reage colocando-se à margem, esquivando-se como um rato.

Candido (2006) descreve Luís da Silva como enojado, inerte e desesperado e isso contamina o mundo que descreve. O exterior é interiorizado, ou o interior é exteriorizado no que Freud define como projeção: a atribuição para objetos externos os aspectos psíquicos que são próprios do sujeito, mas não reconhecidos como seus. Nesse caso, a descrição da cidade está ligada diretamente à projeção do personagem refletindo uma ótica pessimista e sombria, sufocante e opressiva (MARTINS, 2015). A cidade é um símbolo que demonstra a tensão entre racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas. A cidade como símbolo é fruto da imaginação e do trabalho coletivo do homem em desafio a natureza, segundo Gomes (1994).

Apesar da concordância com essa perspectiva da cidade como esmagadora e opressora de eu's e diferenças, a linha de análise que aqui assumimos tem o intuito de uma compreensão da cidade como horizonte de possibilidades de realização, seja de trabalho concreto, enquanto objetividade, seja de construção de si, enquanto subjetividade. A possibilidade de realização perpassa pela consciência da escolha. Escolher e assumir-se livre para tal. Assumir a liberdade é compreender que todos os caminhos seguidos em vida dependem das opções feitas, da autonomia. Concluir que os acontecimentos que nos afligem são

consequências de nossas escolhas, que de certa forma produz angústia. A angústia advém das escolhas feitas e também da decisão por escolher de forma consciente. Segundo Kierkegaard (2014), o conceito de angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade.

A primeira vez que Luís da Silva sente vontade de matar Julião Tavares é quando o flagra flertando com Marina em sua própria casa (A, p. 71). Então, compara-se a ele nas vestes e no linguajar oleoso que escorega e sente-se incapaz de competir com ele. Lembra-se das cobras que matara na infância, da cobra que se enroscou no pescoço do avô (A, p. 73-74), sente vontade de esganar o adversário. Nesse momento, a rua, a porta aberta o convidava a sair sem destino e os seus passos o levariam para oeste, no interior, e perderia as peias que lhes foram impostas. Tornar-se-ia meio cigano, meio selvagem no sertão de origem. Isto é, a vontade de matar, assumida através da simbologia do enforcamento pelo qual se decide imediatamente após concluir-se inapto à competição, avizinha-se da necessidade de libertação, de sair pela porta e desfazer as amarras que o prendem, de regressar, de retroceder na sua racionalidade e dar vazão ao desejo/pulsão. A regressão é um mecanismo de defesa, segundo a teoria freudiana, que permite ao sujeito um retorno a atitudes passadas que provaram ser seguras e gratificantes no intuito de fugir de um presente angustiante.

A angústia em Luís da Silva se acentua ainda mais quando oficialmente perde Marina para Julião Tavares. Pois, a partir de então assume o desejo de vingança direcionado à Marina e de morte ao rival. O assassinato de Julião Tavares foi premeditado, mais que isso, extremamente desejado. Tanto que Luís da Silva não pode ver uma corda, um cano ou algo semelhante (como arames) que pensa em enforcar alguém. Assim como quando vê um homem forte e imagina o poder que ele tem de estrangular uma pessoa. O desejo de enforcar Julião Tavares se tornou urgente no momento em que ganhou uma corda de Seu Ivo (A, p. 139) e passou a andar com ela no bolso da calça.

A fixação no enforcamento faz com que a realidade se confunda com o seu desejo e dá a impressão que se interpõe sobre este, forçando-o a concretizar a execução de Julião Tavares: cordas, arames, a imagem da história contada por Seu Ramalho do negro morto cruelmente se transfigurando na cara balofa de Julião. Luís da Silva se esquiva dos encontros com seu rival, mas este impõe sua presença nas ruas, cafés e nas conversas do bonde. “Quando a realidade me entra pelos olhos meu velho mundo desaba” (A, p. 75). E o que resta é dar vazão ao desejo de morte.

Perseguindo Julião Tavares, Luís da Silva descobre seus novos caminhos percorridos na madrugada fortuitamente até a casa da nova amante que substitui Marina. Segue-o sem ser visto. “A casa é em Bebedouro, pequena, isolada [...] Julião seguia pela rodagem, rente aos jardins dos palacetes adormecidos, ou acompanha a estrada de ferro” (A, p.176). O Bebedouro é o bairro que traz a sensação de regresso ao sertão. Sendo assim, Julião Tavares adentra em território de domínio do passado, do que Bueno (2015) chama de antiga ordem. E com isso é como se Julião Tavares invadisse ainda mais Luís da Silva e o instigasse a agir.

Luís observa o quanto Julião é óbvio, pois percorre caminhos já traçados, percorridos por carros, gentes e bondes. Sendo óbvio, Julião manifesta sua soberba e segurança mesmo estando sozinho, ou acreditando que está, ao se “espalhar pela cidade” como se esta fosse dele, o contrário de Luís da Silva que “segue o trilho como um bonde da cidade” sendo conduzido por ela (A, p. 179).

Nesse primeiro momento, em que segue Julião até a casa de sua nova amante, Luís da Silva ainda não se libertou, pois ainda é vítima da angústia pré-ação e da opressão da cidade que esmaga suas vontades. A angústia que sente é a da impotência de ser um bonde conduzido, de não se conduzir por si. É uma angústia necessária à libertação, o que Kierkegaard denomina de “a angustiante capacidade de ser-capaz-de” (2014, p. 48).

A cena do romance prossegue com um período de espera enquanto Julião Tavares está na casa da amante. Quando Julião sai de lá, Luís novamente o segue sem ser percebido. Mas, então, há uma mudança significativa: enquanto Julião continua seguindo caminhos óbvios (pelos trilhos do trem), Luís não mais segue pelo trilho, não tem mais cordas que o sustentem, pula de um lado a outro: “Uma hora antes

caminhava com animação, movia-me executando ordens, tinha os membros amarrados a cordões. Agora podia desviar-me para um lado e para outro, avançar, recuar” (A, p. 181). Luís da Silva se liberta.

A libertação do personagem que não mais segue caminhos traçados (literal e metaforicamente) implica a exultação sublime de sua subjetividade. Isto quer dizer que, dando vazão à espontaneidade e ao desejo, o ser se torna pleno e constrói sua essência. O homem é aquilo que se torna, segundo Sartre (2014). O homem é um projeto que se vive como sujeito, a ação faz do homem possuidor do seu próprio desejo e responsável por seu próprio destino.

No percurso de volta, Julião Tavares para e fuma. Nesse momento, Luís que oscila entre atacá-lo ou não, se irrita porque está sem cigarros e isso o encoraja: tira a corda do bolso, avança e naturalmente o enlaça: “Houve uma luta rápida, um gorgolejo... exatamente o que eu havia imaginado. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu, esta convicção afastou qualquer receio do perigo. Uma alegria enorme encheu-me.” (A, p. 186).

A invasão que Julião Tavares provocou na vida de Luís da Silva se intensifica nessa passagem em que Luís se conscientiza satisfeito de não ser o outro. Bueno diz que *Angústia* é um romance que chega ao “ponto máximo da exploração psicológica do problema da relação com o outro” (2015, p. 638). Enquanto João Valério de *Caetés* conseguiu satisfazer seus desejos conciliando-os com a ordem social e Paulo Honório de *São Bernardo* tem a felicidade destruída quando vê seus desejos em descompasso com os valores sociais, Luís da Silva, por sua vez, não sabe ao certo a que ordem/comunidade pertence, se a do agora ou a do passado.

A consciência de existir independente de Julião Tavares gera a necessidade de Luís da Silva tomar a vida nas próprias mãos e decidir sobre ela. O assassinato de Julião Tavares, para além de ser uma possível corrupção de viver na cidade, também é um exercício de escolha, decisão. A angústia surge como prelúdio dessa escolha, por isso a angústia está presente na covardia e passividade de Luís da Silva, pois ele sabia que poderia tomar uma atitude frente a isso. O homem que toma posse de seu destino como responsável por ele admite ser responsável por todos que direta e indiretamente, tem contato. Somos responsáveis por todos e isso, inevitavelmente, produz angústia constante pela consciência da responsabilidade pelo mundo (SARTRE, 2014).

Satisfação e angústia após o gozo

Graciliano Ramos como expoente da literatura brasileira traz em seus livros marcas autobiográficas declaradas, seja na vida seca do sertão, nas confissões de uma infância dura no agreste nordestino, os mandonismos e seus respectivos subalternizados, e suas reflexões vistas por muitos críticos como pessimistas, mas que o mesmo discorda, definindo-as como críticas realistas. Gimenez (2009, p. 233) diz que em *Angústia* se instaura um narrador muito próximo ao perfil social e psicológico do autor e, com isso, “risca ao redor dele os mesmos esquemas de seu infortúnio” e do tempo que, agitado e inervante, o conduz para a fronteira do lírico. Bosi (1980) define a obra de Graciliano como sendo de romances de tensão crítica, onde cada personagem expõe a face angulosa da opressão e da dor. Tais expressões provavelmente estão mais destacadas em *Angústia*, visto que é considerado o livro “psicológico” do autor.

Luís da Silva, o personagem principal de *Angústia*, traz a flexibilidade e angústia típicas dos personagens existencialistas de romances de Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre e Albert Camus. Isso não quer dizer que Graciliano Ramos tenha tido a intenção de fazer um romance existencial, ou que foi influenciado por romances de tal gênero. Mas, visto que Graciliano fez a primeira tradução do livro *A Peste* do existencialista franco-argelino Albert Camus para o português no ano de 1950, podemos supor uma possível identificação ou, ao menos, um contato com essa literatura.

A perspectiva melancólica e realista ao extremo que soa pessimista aproxima essas vertentes que, tão distantes geograficamente, compartilham de ideologias similares, como a adesão de seus autores ao Partido Comunista e o fato de serem contemporâneos. Coelho (In BRAYNER, 1977, p. 72) defende que na convivência com os personagens graciliânicos somos lançados na voragem de um universo que parece ter sido criado à imagem do universo sartreano, onde os homens se misturam a tal ponto que reconhecem a limitação de se fundirem, se isolando na solidão.

Para Sartre (2014) a essência do ser humano só é possível após a existência, isto é, só somos quando históricos. O homem é ser para si, pois tem consciência de si mesmo e por isso age. A consciência de que somos seres históricos gera angústia, pois cabe a nós mesmos a capacidade de construir nossa vida, e por isso, a consciência dessa responsabilidade nos angustia. Essa angústia, pois, só é momentaneamente sanada quando, finalmente, agimos.

Portanto, Luís da Silva sentiu alegria ao matar Julião Tavares. “Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros.” (A, p. 186). Luís da Silva estava liberto e feliz.

Porém, como todo sujeito consciente de seus atos e das consequências destes, Luís da Silva se sente responsável pelo corpo ali caído na folhagem. Por mais que saiba ser necessário deixá-lo lá e fugir, Luís da Silva pensa em levá-lo consigo, mas, constata a dificuldade e começa a cavar uma cova com as mãos. Percebe ser impossível cavar um buraco que coubesse o corpo. Só depois de refletir sobre a impossibilidade de uma coisa e outra decide por pendurá-lo na árvore como um enforcado a exemplo das histórias de enforcamento que viu ou ouviu falar na sua infância. A partir daí Luís da Silva sente medo de ser descoberto e preso (A, p. 187-189).

O homem existencialista é um sujeito engajado e que assume a escolha do que é e quer ser, assim como assume a escolha do que quer para a humanidade, não podendo se furtar do sentimento de total e profunda responsabilidade por si e pelo mundo. Por isso, Luís da Silva não demonstra se arrepender da ação, visto que foi planejada e desejada à exaustão, mas admite as possíveis consequências da mesma. Tanto que pensa em se delatar para diminuir a angústia de esperar para ser descoberto.

Após conseguir realizar seu plano de pendurar Julião Tavares na árvore para parecer com um enforcado, Luís da Silva sente o corpo moído, fraco. Escorrega pelo tronco da árvore e se arrasta pelo chão, chorando, sem conseguir se levantar. Ao conseguir se levantar corre, achando impossível olhar para trás (A, p. 194). Essa cena mostra medo e desamparo no sentido da consciência de que não há outro responsável pelo acontecimento a não ser ele próprio. O desamparo, segundo Sartre (2014), nada mais é do que a lucidez frente à inexistência de Deus e à consequente impossibilidade de justificativa e cumplicidade com um ser onipresente. Freud (1927-1931/2006) diz que o desamparo tem origem no momento em que a criança sente que não há um ser (a mãe) onipresente para antecipar suas necessidades antes delas se apresentarem. O desamparo, por fim, gera mal estar e angústia na criança, e no adulto se acresce à consciência da solidão e da necessidade de agir responsabilmente.

Quando Luís da Silva, em sua fuga, chega ao bairro da Levada, consegue se acalmar e senta para descansar quando avista um “maloqueiro” dormindo, acorda-o e lhe pede um cigarro. Nesse momento, percebe com alívio que o chapéu que carrega é o seu, que não o deixou como rastro de seu crime. Tenta conversar com o maloqueiro, mas sente o distanciamento opressivo entre eles no sentido de classe social e no sentido pessoal de cumplicidade relativa ao crime. Luís da Silva está sozinho (A, p. 195).

Mesmo assim, Luís da Silva fumou o cigarro doado pelo maloqueiro, sendo esse ato de fumar após o assassinato uma espécie de símbolo do relaxamento após o gozo que foi, de certa forma, compartilhado com um estranho. Luís alcançou o gozo, que seria algo além do princípio do prazer, segundo Freud (-1920 2006/1922). Isto é, seguida à excitação do ato e do prazer decorrente deste, o aparelho psíquico necessita

reduzir ou aumentar a descarga de energia para extinguir a tensão interna e isso é possível a partir do que ele define como catexia (descarga), que pode representar repetições do que tenciona o sujeito até a tensão perder a validade, ou outras formas de aliviar a tensão. No caso de Luís da Silva, este se equilibra matando o rival, segundo Candido (2006, p. 49), um equilíbrio precário, mas a única forma de afirmar-se, e alivia a tensão primária da excitação fumando.

Na sequência, Luís da Silva segue para casa já conseguindo marchar como antes, isto é, seguindo o caminho que foi traçado para si (A, p. 197). Porém, o equilíbrio foi apenas momentâneo e o medo e a angústia retornam. Isso se dá, segundo Sartre (2014, p. 45), pela consciência da condenação da liberdade: a angústia é constante porque a escolha original é uma coisa constante. Dessa forma, Luís da Silva adocece fisicamente pelo peso da responsabilidade de suas ações e como forma de reequilíbrio de seu psiquismo, pois “distúrbios graves na distribuição da libido como a melancolia, são, temporariamente interrompidos por uma moléstia orgânica intercorrente” (FREUD, 1920-1922/2006, p. 43).

Afora as discussões sobre culpa e arrependimento da ação executada, Luís da Silva pôde exercer sua liberdade se livrando da angústia, mesmo que temporariamente e se reconhecendo como homem, com autonomia, poder e capacidade de ser sempre mais. E isso não é sinônimo de ações aleatórias, ao contrário, a consciência da liberdade gera angústia que, quando sanada através da ação que satisfaz uma pulsão, traz a responsabilidade sobre si e sobre o outro, e sobre o mundo que, inevitavelmente, gera mais e mais angústia num ciclo incessante e infinito do ser que se reconhece histórico.

Luís Bueno afirma que a psicologia não pode ser separada da vida social em *Angústia*, pois “fica claro o quanto há de recalque social na crise psicológica que leva Luís da Silva a matar Julião Tavares” (2015, p. 621-622). Isto é, o impasse profundo da relação com o outro torna a melancolia do personagem o mote para o saudosismo da ordem pretérita, em que tudo está em seu lugar, oposta a ordem do presente em que Luís da Silva só se encaixa como rato. Por isso a consciência histórica do personagem, que identifica seu deslocamento geográfico, de classe e temporal. E sendo a angústia a consciência da falta, visto que o desejo do homem é o desejo do Outro (LACAN, 2005), é na condição de ser marcado pela ausência e pela finitude que nossa própria falta, que é sujeito do inconsciente, pode ser desejo, mesmo que finito.

Angústia não é uma história de um homem impotente num mundo limitado e sem saída, nem da evolução de uma psicopatologia que se expressa em delírios, alucinações e manias persecutórias. *Angústia* é história que reflete a realidade opressiva das grandes cidades que esmagam os anônimos como ratos até o ponto que os anulam ou que os instigam à subversão. Luís da Silva é um personagem acuado por valores fúteis e materiais dos quais não dispõe, que encontra durante certo tempo o consolo de suas frustrações na imaginação que se projeta no mundo exterior e que o faz ver cenas que mais ninguém vê. Não delira, posto que distingue fantasia de realidade, não alucina, visto que as imagens que se formam em seu campo de visão não atrapalham seu cotidiano. Porém, a imaginação serve apenas como paliativo e não satisfaz por muito tempo, já que a angústia da consciência da passividade retorna ainda mais aniquiladora a cada oportunidade de vingança perdida.

Por fim, a realização dos desejos e escoamento das frustrações de Luís da Silva se dá no rompimento com a moral e os bons costumes da época: roubar dinheiro de sua empregada, perseguir e insultar Marina quando ela está mais vulnerável e matar Julião Tavares. O assassinato de Julião Tavares é ato de sujeito que decidiu dar cabo de seus desejos insuflado por sua angústia de existir. Luís da Silva foi autor de seus próprios planos, deixando de lado o servidor público que só fazia o que mandavam. Tal desfecho representa mais coragem que desespero, mais lucidez do que loucura, pois, assumir a ação feita e suas consequências é estar disposto às vertigens e angústias da responsabilidade da liberdade.

A angústia que dá título ao romance e está presente em todo o enredo não é a sensação de impotência ou consequência de um psiquismo frágil, covarde e inapto à ação do personagem prin-

cipal. A angústia é sensação causada pela certeza de que algo pode ser feito, de que há escolhas a fazer. Luís da Silva sabe que pode roubar, matar, insultar, que pode mudar sua posição e satisfazer seus desejos de vingança, de ódio e de libertação. O que o impede é justamente o que ele mais despreza: a moral e as regras sociais de uma cidade opressora. Por isso, o anúncio de sua liberdade gera tanto mal estar. E só quando ele finalmente consegue agir é que alcança o gozo, o prazer, o alívio de se reconhecer livre. Mesmo que essa liberdade seja seguida de mais angústia, afinal, reconhecer-se radicalmente livre é saber da solidão e desamparo da existência.

Referências

- ARGULLOL, Rafael. A Cidade-Turbilhão. *Revista do Patrimônio Artístico Nacional-IPHAN*, Rio de Janeiro, Pp. 59-68, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980.
- BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos*. Brasília: Ed. Civilização. Col. Fortuna Crítica. Vol 2. INL., 1977.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo/Campinas: Edusp, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Helena Lúcia. *A ponta do novelo – Uma interpretação de Angústia, de Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1983.
- FERREIRA, Mariana Chinelatto. *Cidade e Forma Literária: Representações urbanas na literatura brasileira*. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e do Urbanismo. USP, São Paulo. 2015.
- FREUD, S. *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Edições Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1920-1922/2006.
- _____. *O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Edições Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1927-1931/2006.
- _____. Os instintos e suas vicissitudes. In: *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*. Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1914-1916/2006. Pp.123-146.
- GIMENEZ, E. T. Graciliano Ramos, uma poética da insignificância. *Revista Estudos Avançados*, vol. 23, nº 67, São Paulo: 2009.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade*. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KIEKGAARD, S. O Conceito de Angústia. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LACAN, J. O Seminário, Livro 10: *a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LEÃO, Yara A. Souza. “Não ceder do desejo”: o mito de Antígona. *Revista Antígona – Uma publicação do Toro de Psicanálise*. N. 8, Maceió, AL: EDUFAL, 2011. Pp. 85-92.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP, 1998.
- MARTINS, Ana Claudia Aymoré. A angústia de viver na cidade. *Bakhtiniana*, São Paulo, Vol. 10, n. 1, pp. 156-175, Jan./Abril 2015.
- MOURA, Gabriela C. O Pai na Psicanálise – Algumas considerações sobre a psicose. *Revista Antígona – Uma publicação do Toro de Psicanálise*. N. 8, Maceió, AL: EDUFAL, 2011. Pp. 93-104.
- OLIVEIRA, Marcelo França de. O Campo e a Urbe: Literatura e História em “A cidade e as Serras” de Eça de Queiroz. *Historiae*, Vol, 6, n. 1, Rio Grande do Sul, 2015. Pp. 215-227.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
- SALGADO, Marcus Rogério Tavares Sampaio. A Metrópole como Lugar do Exílio: Dispersão e trauma na experiência urbana. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 65, pp. 135-146, jul-dez 2013.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. Considerações sobre a Teoria da Angústia em Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão*. V. 28, n. 2. Brasília, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932008000200014&script=s-ci_arttext. Acessado em 07 de dezembro de 2015.